

# A preposição *a* no português oral de S. Tomé<sup>1</sup>

*Rita Gonçalves*

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

## Abstract

This paper aims at characterizing the linguistic situation of São Tomé and Príncipe within the context of Portuguese acquisition. Besides being the official language, Portuguese is the most widely spoken language at the expense of the Creole native languages. To advocate the emergence of the Portuguese of São Tomé, we will describe the contexts of double object construction and preposition selection by verbs of motion, showing that these structures are different from those used in other varieties of Portuguese. Our analysis will be carried out from a syntactic-semantic perspective, showing that in the acquisition of L2 Portuguese, apart from the Creole language transfer, general properties of grammar are present.

**Keywords:** second language acquisition, argument structure, double object construction, verbs of motion, telicity.

**Palavras-chave:** aquisição de língua segunda, estrutura argumental, construção de duplo objecto, verbos de movimento, telicidade.

## 0. Introdução

Este artigo tem por objectivos caracterizar a actual situação linguística de S. Tomé e Príncipe (STP) e apresentar duas estruturas gramaticais do Português Oral de S. Tomé (POST) que revelam a mudança linguística gerada pelo processo de aquisição como L2: construção de duplo objecto e expressão do locativo com verbos de movimento. No centro

---

<sup>1</sup> Esta comunicação decorre da investigação em curso para a dissertação de mestrado em Linguística, orientada pelos Professores Isabel Leiria e Tjerk Hagemeijer, a quem agradeço os comentários e sugestões durante a realização deste estudo. O meu agradecimento estende-se também às Professoras Inês Duarte, Ana Lúcia Santos e Nélia Alexandre, bem como à audiência da XXV Encontro da APL, pelas sugestões para o prosseguimento da investigação.

deste estudo encontra-se a preposição *a*, semanticamente mais fraca e, por isso mesmo, a mais afectada no quadro da estrutura argumental. A descrição dos fenómenos – ausência da preposição *a* e sua substituição pela preposição *em* – que originam as estruturas supra-indicadas será complementada com o estudo comparativo relativamente ao PE e a outras variedades do português já estudadas. Tendo por base os fenómenos que afectam o uso da preposição *a*, corrobora-se a tese de que, no processo de aquisição de uma língua, a par do *transfer*, convergem propriedades gerais da gramática.

### 1. A Aquisição do Português em S. Tomé e Príncipe

O arquipélago de S. Tomé e Príncipe caracteriza-se por uma situação de multilinguismo. Paralelamente ao Português, que é língua oficial, actualmente coexistem outras línguas: *Lungwa Santome* ou forro (crioulo dominante); *Lungwa Ngola* ou Angolar (língua falada pela comunidades de Angolares – provavelmente descendentes de escravos fugidos das roças); *Lung'ie* (crioulo falado na ilha do Príncipe) e Língua dos Tongas (também designada Português dos Tongas<sup>2</sup>). Além destas línguas nativas, o Crioulo de Cabo Verde também é falado um pouco por todo o arquipélago, predominantemente na Ilha do Príncipe, sendo mesmo a língua dominante em algumas das roças.

De acordo com os dados recolhidos pelo INE em 2001, e publicados em 2003, o português é a língua mais falada pela população, em detrimento das línguas crioulas. O gráfico 1 apresenta a distribuição da população por línguas faladas em STP e ilustra a situação de multilinguismo acima descrita.

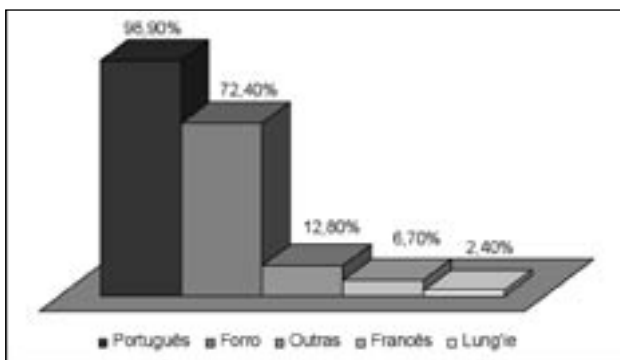


Gráfico 1: Distribuição da população por línguas faladas em STP

<sup>2</sup> A Língua/Português dos Tongas é o resultado do contacto entre alguns falantes do Kimbundu e do Umbundo com a comunidade são-tomense. De acordo com Hagemeyer (2009) “a palavra Tonga designa os descendentes dos contratados, cuja primeira geração começou a aprender o Português falado nas roças, para fins de comunicação. Este Português não era um Português normativo mas sim um Português reestruturado com traços das línguas maternas africanas e do Português de S. Tomé que passou a ser a língua materna de novas gerações já nascidas em S. Tomé.”

Apesar de se verificar uma predominância do uso do português praticamente pela totalidade da população (98,9%), o Forro também é usado por uma percentagem elevada de falantes (72,4%). Contudo, os dados do censo não são coerentes, uma vez que não se explicita se as respectivas línguas são adquiridas como L1, L2 ou LE. Além disso, pressupõe-se que a categoria “Outras”, não tendo sido explicitada, integre o Angolar, o Português dos Tongas e o Crioulo de Cabo Verde, uma vez que estas línguas não foram incluídas como hipótese de resposta no inquérito e coexistem no arquipélago. Não obstante este facto, o Francês, que é claramente adquirido apenas como LE, aparece paralelamente às línguas nacionais e à língua oficial como item de resposta. O facto de se privilegiar uma língua estrangeira contrariamente às línguas crioulas mostra o desprestígio que estas detêm na sociedade são-tomense.

Embora não tenham sido respeitados alguns princípios na elaboração do censo, é unânime a conclusão de que há um incremento do uso do Português paralelamente a um decréscimo do uso das línguas nacionais. Esta situação é ainda mais visível se atentarmos no gráfico 2:

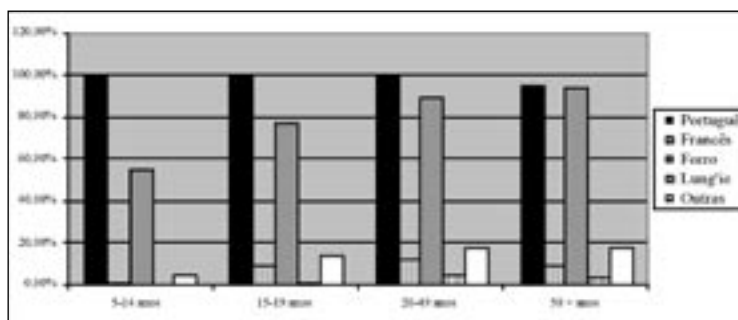


Gráfico 2: Distribuição da população por línguas faladas, segundo a idade

Em termos etários verifica-se uma certa homogeneidade no uso do português contrariamente ao uso nativo das línguas crioulas que é relegado sobretudo para uma faixa etária mais avançada, embora se mantenha ainda distribuído por toda a comunidade. Os próprios informantes do *corpus* afirmam falar Português desde sempre e ter dificuldades em exprimir-se em Forro ou em outra língua nacional.

Desta conjuntura, decorre uma situação em que o Português primeiramente adquirido como L2 se começa a afirmar como a L1 da população, nomeadamente das classes mais jovens. Embora se tenha adoptado a norma do PE, no dia-a-dia é produzido um português local, com influências do crioulo, decorrente da transição histórica L2 > L1 no processo de aquisição num contexto de multilinguismo. Esta variedade do português constitui o actual *input* linguístico a que as gerações mais jovens estão sujeitas transformando-se, portanto, na língua-alvo no processo de aquisição da L1. Perante este quadro linguístico, em que a população começa a ter o português como L1, parece

haver condições para a emergência de uma nova variedade do português sobre a qual desenvolveremos a presente análise.

## 2. Dados

O *Corpus* utilizado neste estudo é constituído por várias entrevistas à população local do arquipélago de S. Tomé e Príncipe, recolhidas no âmbito do Projecto VAPOR (Variedades Africanas do Português) do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Apresenta actualmente cerca de 120.000 palavras transcritas. Para este trabalho foi considerado um *corpus*-amostragem de 50.000 palavras constituído por 12 entrevistas:

- (i) 5 informantes do sexo masculino e 7 do sexo feminino;
- (ii) média de idade: 31 anos;
- (iii) nível de escolaridade: oscila entre 7.º e 11.º ano.

## 3. A Expressão do Argumento Dativo com Verbos Ditransitivos

### 3.1 Português de Moçambique (PM)

No âmbito das variedades do português em África, são sobretudo reconhecidos os trabalhos de Gonçalves (1990, 2004, 2005) sobre as construções de duplo objecto (CDO) no Português de Moçambique:

- (1) a. *Os pais escondem os filhos a verdade.*
- b. *A Maria demonstrando as outras mulheres o papel do destacamento.*

De acordo com a autora, a fixação do parâmetro do duplo objecto nesta variedade do português resulta da adopção de valores da gramática das línguas Bantu face a um *input* ambíguo do PE:

(i) contrariamente às línguas bantu que atribuem duplo caso, os verbos do PE apenas atribuem caso acusativo pelo que é necessária a introdução da preposição *a* para a marcação do caso dativo;

(ii) a possibilidade de ocorrência do clítico *lhe* parece sugerir aos falantes que a presença da preposição *a* não é indispensável para a gramaticalidade das frases;

(iii) na medida em que nas línguas bantu os constituintes [+HUM] podem ocupar as posições sintácticas mais proeminentes, os falantes do PM reinterpretaram o argumento OI do PE, tipicamente [+HUM], de acordo com as propriedades das suas línguas maternas.

Face a um *input* ambíguo, a gramática do PM fixou um novo sistema de marcação casual que origina as CDO e permite que os verbos subcategorizem OD e OI com o traço [+HUM], facto que terá motivado a realização de passivas dativas; o uso da preposição *a* a introduzir o objecto directo; e a substituição do clítico acusativo pelo clítico dativo *lhe*.

Os enunciados seguintes exemplificam respectivamente a ocorrência dessas estruturas no PM:

- (2) a. *Os filhos são escondidos a verdade (pelos pais).*
- b. *Eles elogiaram a uma pessoa.*
- c. *Eles elogiam-lhe muito.*

## 2.2 Português de Angola

Contrariamente aos dados do PM, em que a preposição *a* tende a ser omitida e o argumento dativo ocupa a posição de objecto primário, originando CDO, Cabral (2005) observa para o PA a existência de uma tendência para a substituição da preposição *a* pela preposição *em* quando o argumento apresenta o traço [+HUM] com verbos ditransitivos (cf. 3) e com verbos de 2 lugares com argumento interno OI (cf. 4). Quando o argumento é [-HUM], o apagamento da preposição é mais frequente (cf. 5):

- (3) a. *perguntei no João o que fazia na vida.*
- b. *disse no João tudo que pensava.*
- (4) *Não respondo no professor nem no director.*
- (5) *Não respondi Ø o questionário porque tive exame.*

## 3.3 Português de S. Tomé

Na expressão do argumento dativo, os dados do POST apresentam claramente variação entre CDO e construções ditransitivas preposicionadas (CDP) embora o primeiro tipo seja predominante (12/21) (cf. gráfico 3). A alternância entre CDO e CDP, como acontece por exemplo no Inglês, não é possível no Português Europeu nem no crioulo forro, nem em outros crioulos de base lexical portuguesa como o *Kriyol*, o *Fa d'Ambu* ou o *Lung'ie* (cf. Bruyn, Muysken & Verrips 1999).

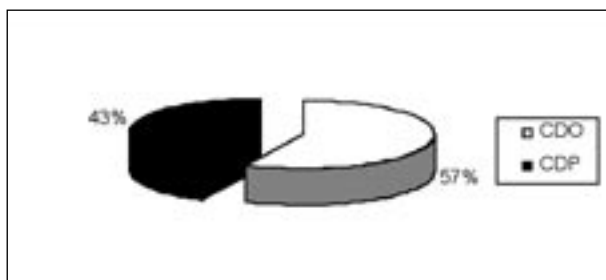


Gráfico 3: Distribuição do argumento OI com verbos ditransitivos

57% dos contextos que envolvem a expressão do argumento dativo com verbos ditransitivos constituem CDO – a preposição *a* que tipicamente acompanha o objecto

indirecto tende a ser suprimida e o argumento passa para a posição de objecto directo, adjacente ao verbo:

- (6) a. *Já há bandidos que arrancam pessoas brinco.* (POST\_22)  
 b. *é uma igreja que (...) passa as pessoas ideias cristãs (...)* (POST\_21)  
 c. *criou criança tanto problema.* (POST\_90)  
 d. *Dou meus filho banho.* (POST\_40)

Apesar de, em (6.b), o argumento com a função sintáctica de OI, “as pessoas”, incluir o determinante “as”, contrariamente aos restantes contextos apresentados, podemos classificar a estrutura como uma CDO, uma vez que, nesta variedade, há distinção entre a vogal baixa e a vogal média, correspondentes ao grafema <a>. Neste sentido, a forma “as” não é passível de ser interpretada como uma contracção da preposição com o determinante produzido com a vogal baixa, mas tão-somente como determinante.

Os enunciados apresentados em (6) exemplificam a ocorrência de CDO tanto com verbos plenos (6.a; 6.b; 6.c) como com verbos leves (6.d). No entanto, o facto de esta última poder não se tratar de uma verdadeira CDO, pela presença de um verbo leve, não constitui um contra-argumento à existência desta propriedade na gramática do Português de S. Tomé. Se, no POST, este tipo de verbos tiver um comportamento idêntico aos do PE, (6.d) não é excepcional relativamente aos restantes exemplos, dado que o verbo leve *dar* preserva a grelha argumental do verbo principal, ocorrendo numa estrutura com três argumentos. Assim, (6.d) contribui para a assunção da CDO como uma propriedade generalizada desta variedade do português.

Além disso, os verbos do crioulo forro também licenciam CDO, tanto com verbos plenos como com verbos leves (Hagemeijer, 2007), o que pode motivar a sua existência também no Português de S. Tomé:

- (7) *É piji [san lenha] [kopu d'awa].*  
 3SG pedir senhora rainha copo de água.  
*Ele pediu um copo de água à rainha.*
- (8) *Non ka da [pema] [faka].*  
 1PL ASP dar palmeira faca  
*Nós fazemos um golpe na palmeira.*

Estes dois exemplos do crioulo contrastam, na medida em que exemplificam a possibilidade de, nesta língua, os duplos objectos ocorrerem tanto com argumentos OI com o traço [+HUM] como [-HUM], contrariamente ao verificável nas línguas do grupo Bantu e, consequentemente, no Português de Moçambique. Os dados do POST atestam a ocorrência de CDO com argumento com o traço [ $\pm$  HUM]:

- (9) a. *Dar palmeira faca.* (POST\_78) (PE = fazer um corte na palmeira)  
 b. *Dar portão banho.*<sup>3</sup> (PE = lavar o portão)

<sup>3</sup> Tjerk Hagemeijer [c.p.]

Uma vez que se trata de um estudo preliminar, não podemos ainda generalizar a ocorrência de duplos objectos na variedade do Português de S. Tomé tanto com argumentos com o traço [+HUM] como [-HUM]; no entanto, os contextos remetem para essa hipótese, que é fundamentada pelos dados do crioulo.

Uma das consequências da reestruturação da gramática do PM, com base nos parâmetros das Línguas Bantu, era exactamente a possibilidade de o clítico dativo *lhe* ocorrer em lugar do clítico acusativo. Os dados do POST também apresentam essa ocorrência:

(10) a. *A ideia era defender tese voltado a linguística, para isso eu auxiliei-lhe a recolher elementos para tal.* (POST\_71)

b. *Mesmo que ele tenha alguém fora eu não lhe incomodo por isso.* (POST\_72)

Porém, ainda não é possível dizer se a substituição do clítico dativo é uma consequência das CDO ou se se trata apenas de um caso de *lheísmo* tal como acontece na aquisição das línguas peninsulares. A continuação deste trabalho através da análise de mais dados e da realização de testes permitirá confirmar ou infirmar esta hipótese. A realização de passivas dativas ou o uso da preposição *a* a introduzir o OD [+HUM] não foram, por sua vez, atestados no *corpus* do POST. Do mesmo modo, o *forro* também não apresenta passivas.

Relativamente às construções ditransitivas preposicionadas que, como vimos, concorrem com as construções de duplo objecto, a variação também é visível, nomeadamente entre a selecção do marcador de caso – *a* – e uma preposição plena – *para*. No entanto, o uso da preposição *a* prevalece na introdução do OI com CDP (7/9) contrariamente ao que acontece no Português do Brasil.

### Síntese:

(i) O *corpus* apresenta uma tendência para a omissão da preposição *a* com verbos ditransitivos quando o argumento OI é [+HUM], à semelhança do PM e contrariamente ao PA, mas também a possibilidade de realizar duplos objectos com constituintes com o traço semântico [-HUM], tal como se verifica no *forro*.

(ii) A preferência pelo padrão CDO em vez de CDP sugere que os falantes, no período de aquisição do PL2, tendem a fixar os parâmetros da gramática do crioulo e não os do PE face a uma reinterpretação da preposição *a* e do argumento OI.

## 4. Expressão do argumento oblíquo com verbos de movimento

No PE, os verbos de movimento como *ir* ou *chegar* seleccionam um PP regido pela preposição *a*. No POST, com os mesmos verbos, verifica-se variação entre a selecção de

um NP ou de um PP. Neste último caso, podendo ser introduzido pela preposição **a** ou **em**:

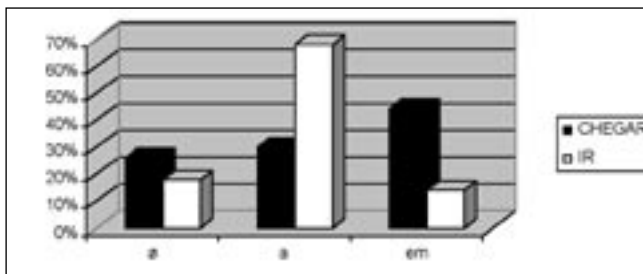


Gráfico 4: Distribuição dos verbos *chegar* e *ir* por preposição

Como mostra o gráfico n.º 4, os valores mais elevados do uso das preposições correspondem à selecção da preposição **a** pelo verbo *ir* e da preposição **em** pelo verbo *chegar* com cerca de 70% e 45%, respectivamente. Os enunciados seguintes ilustram estas ocorrências:

- (11) a. *Ao fim-de-semana vamos jogar um pouco de bola ou vamos à praia.* (POST\_88)  
 b. *Fui a Portugal duas vezes.* (POST\_22)  
 c. *Se eu trabalho, chego em casa tenho coisas para fazer.* (POST\_40)  
 d. *A gente quando chegávamos na praia com voador (...).* (POST\_110)

A ausência da preposição **a** por ambos os verbos ronda os 20% embora seja mais visível com o verbo *chegar*:

- (12) a. *Ø Igreja eu vou mas eu vou assistir missa.* (POST\_37)  
 b. *Cheguei Ø casa vinte e três hora.* (POST\_90)

A predominância de selecção da preposição **em** com o verbo *chegar* e de **a** com o verbo *ir* é ainda mais clara se olharmos para a tabela de frequências:

	Freq	Ø	a	em
<b><i>Chegar</i></b>	27	7	8	<b>12</b>
<b><i>Ir</i></b>	22	4	<b>15</b>	3

Tabela 1: Frequência dos verbos *chegar* e *ir* por preposição

Num total de 27 contextos de ocorrência do verbo *chegar*, 12 envolvem a selecção da preposição **em** em vez de **a**; por sua vez, num total de 22 contextos de ocorrência do verbo *ir*, 15 envolvem a selecção da preposição **a**, tal como se verifica no PE.



Cabral (2005) no PA e Gonçalves (1998) no PM observam uma tendência para o uso da preposição *em* com verbos de movimento, como *ir* e *chegar*:

- (13) a. *Diogo Cão chegou no Zaire em 1482.* (Cabral, 2005: 136)  
 b. *O meu tio tinha ido no curso de emergente.* (Ibidem)  
 c. *Às cinco da manhã cheguei em sena.* (Gonçalves & Stroud, 1998: 117)

Concordamos com Cabral (2005) ao referir que a substituição de *a* por *em* está relacionada com questões semânticas - a preposição *a* expressa uma ideia de movimento enquanto *em* reforça o traço de definitude no referente locativo, o que pode motivar o recurso à preposição *em* para a expressão do locativo directo.

Uma observação de contextos semelhantes no forro, permite-nos verificar que os verbos *xiga* (*chegar*) ou *ba* (*ir*), contrariamente ao PE, seleccionam um NP. Construções em que o verbo subcategoriza um PP introduzido pela preposição *em* (*ni*) são agramaticais:

- (14) a. Ol'ô ka xiga kinte...  
 quando-2SG ASP chegar quintal  
*Quando chegas ao quintal...*  
 b. \*Ol'ô ka xiga ni kinte.

- (15) a. Ê ba losa.  
 3SG ir roça  
*Ele foi à roça.*  
 b. \*Ê ba ni losa.

Deste modo, exemplos do tipo dos apresentados em (12), em que a preposição *a* é omitida, podem, eventualmente, ser justificados no POST por interferência do crioulo. A hipótese de *transfer* não responde, porém, à substituição da preposição *a* pela preposição *em*.

Importa notar, contudo, que a omissão da preposição *a* é igualmente recorrente no processo de aquisição do português como L2. De acordo com Leiria (2006:310)<sup>4</sup>, a preposição *a* é, de facto, a que coloca mais problemas à aprendizagem. Num total de 41% dos casos em que ela está envolvida há uma qualquer forma de desvio, embora o uso abusivo (inserção ou substituição) seja inferior à sua omissão.

Além disso, o uso de *em* com verbos de movimento é igualmente documentado em produções escritas de estudantes de PLE em contexto de ensino-aprendizagem formal:

- (16)<sup>5</sup> a. *Quando cheguei na faculdade, encontrei muitas pessoas.* (RPLE\_BU\_  
 RO)

<sup>4</sup> Os resultados de Leiria (2006) decorreram da análise de um *corpus* constituído por produções escritas realizadas por um grupo de aprendentes de PL2. Os falantes, com diferentes L1 – Espanhol; Francês; Alemão; Sueco e Chinês (cantonês ou mandarim) – encontravam-se em contexto de imersão e de ensino-aprendizagem formal.

<sup>5</sup> Dados recolhidos no âmbito do Projecto de Recolha de Dados do PLE – CLUL/Instituto Camões (em curso)

b. *Nos dias seguintes fomos em outros lugares.* (RPLE\_PA\_IT)

Contrariamente às CDO que podem ter entrado na gramática do POST por *transfer* do crioulo forro, a substituição da preposição *a* por *em* na expressão do locativo com verbos de movimento leva-nos a analisar os dados numa perspectiva semântica incidindo no papel temático das preposições envolvidas mas igualmente em propriedades dos verbos *ir* e *chegar*.

Nas suas entradas lexicais as preposições *a* e *em* têm o papel temático de Meta e Locativo, respectivamente. Como já referimos anteriormente, o recurso à preposição *em* pode querer corroborar a expressão de uma localização espacial. De facto, todos os contextos em que a preposição *a* é substituída por *em* envolvem locativos: *cheguei em casa*; *praia* (POST); *Zaire*; *curso* (PA); *sena* (PM); e *Faculdade, outros lugares* (PLE).

Além disso, o verbo *chegar* é um verbo télico – representando, assim, uma situação que implica necessariamente um limite. O recurso à preposição *em* corrobora a noção de finitude subjacente à descrição da situação, contrariamente à preposição *a* que exprime maior dinamicidade. Na medida em que os verbos de movimento como *ir*, *vir* ou *chegar* expressam deixis espacial, Bourdin (1999) observa a existência de uma diferença deíctica entre os verbos *arriver* e *venir*, do francês, correspondentes a *chegar* e *vir* portugueses (e *ir*, acrescentamos), expressa pela dicotomia *site validant* (ponto de chegada) e *cible du déplacement* (alvo de deslocamento):

(17) a. *Eles chegaram ontem a Lisboa.*

[determina o ponto de chegada de um percurso efectuado]

b. *Eles vieram/foram ontem a Lisboa.*

[aproxima ou afasta do enunciador o ponto de chegada da mudança de lugar]

De facto, os enunciados apresentados em (17) têm interpretações semânticas distintas. Além disso, os verbos que implicam *chegada* e os referentes a uma *mudança de lugar* como *ir* ou *vir* têm também diferentes comportamentos sintácticos. O verbo *chegar* determina o cumprir de um trajecto que culmina com o atingir do ponto de chegada. Os verbos *vir/ir*, por sua vez, envolvem deslocamento e não impõem que o percurso tenha sido cumprido. Atente-se nos contextos apresentados em (18), que ilustram esta diferença deíctica:

(18) a. *Fui ao cinema mas a meio do caminho voltei para trás.*

b. \**Cheguei ao cinema mas a meio do caminho voltei para trás.*

### Síntese:

(i) No POST, a regência do verbo *chegar* tende a ser alterada no sentido de produzir locativos directos.

(ii) A substituição da preposição *a* por *em* pode estar relacionada não só com o papel temático de locativo que a preposição *em* comporta mas também com critérios de telicidade e deixis.

(ii) O POST distancia-se das outras variedades do PT na medida em que a substituição de **a** por **em** tende a ocorrer sobretudo com o verbo *chegar*, mantendo-se a regência do verbo *ir* de acordo com o PE.

### 5. Considerações Finais

Apesar de ainda haver variação no POST, é certo que o *corpus* revela algumas tendências na construção de uma gramática, nomeadamente na expressão dos argumentos dativo e oblíquo.

As construções de duplo objecto e a expressão do locativo directo constituem dois exemplos de como os argumentos com as relações gramaticais OI e OBL, introduzidos pela preposição **a**, têm sido interpretados pelos falantes, corroborando o facto de a preposição **a** ser a mais fraca e a mais afectada no quadro da estrutura argumental. Simultaneamente são exemplos de como no processo de aquisição de uma língua convergem traços da língua materna, ocasionando *transfer*, mas igualmente propriedades gerais da gramática, nomeadamente semânticas. Uma visão dos dados, numa perspectiva comparativa, mostra uma vez mais que as línguas não evoluem todas no mesmo sentido. Consequentemente, não é possível falar da existência de um português africano. É necessário atender ao contexto individual dos vários países e às propriedades de cada variedade do português que aí está a emergir.

Na medida em que os dados apresentados constituem um *corpus*-amostragem e que este artigo resulta de um estudo preliminar, a análise da totalidade do *corpus* e de outros dados ainda não transcritos pode vir a alterar os resultados aqui apresentados. Contudo, se estruturas do tipo das aqui apresentadas se mantiverem, num período, como o actual, em que o *input* para a aquisição do português é substancialmente o português local, e que as mais jovens gerações o adquirem como L1, as construções de duplo objecto e a expressão do locativo directo com o verbo *chegar* podem vir a fixar-se como características desta variedade de língua.

### Referências

- Bourdin, Philippe (1999) Deixis directionnelle et “acquis cinétique”: de ‘venir’ à ‘arriver’, à travers quelques langues. In *Travaux Linguistiques du CerLiCO* n.º12. *La référence – 2 – Statut et processus*. Rennes: Universitaires de Rennes, pp. 183-203
- Bruyn, A., Muysken, P. & Verrips, M (1999) Double-Object Constructions in the Creole Languages: Development and Acquisition. In DeGraff, M. (ed.) *Language change and creation: creolization, diachrony, and development*. Cambridge: MIT Press, pp. 329-373.
- Cabral, Lisander (2005) *Complementos Verbais Preposicionados do Português em Angola*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Duarte, I., M. Colaço, A. Gonçalves, A. Mendes & M. Miguel (2009) Lexical and

- syntactic properties of complex predicates of the type <light verb+deverbal noun>. *Arena Romanistica. Journal of Romance Studies. The 28th Conference on Lexis and Grammar*. Bergen: University of Bergen, pp. 48-57.
- Gonçalves, Perpétua (1990) *A Construção de uma Gramática de Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Perpétua (2004) Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: Arguments from the genesis of Mozambican African Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 19 (2), pp. 225-259.
- Gonçalves, Perpétua (2005) Falsos Sucessos no Processamento do Input na Aquisição de L2: Papel na Ambiguidade na Génese no Português de Moçambique. *Revista da ABRALIN* 4 (1) (2), pp. 47-73. [http://www.abralin.org/revista/RV4N1\\_2/RV4N1\\_2\\_art2.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV4N1_2/RV4N1_2_art2.pdf)
- Hagemeijer, Tjerk (2007) *Clause Structure In Santome*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Hagemeijer, Tjerk (2009) As Línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*. (1) (1), pp. 1-27.
- Leiria, Isabel (2006) *Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua não materna*. Lisboa: FCG.
- RGPH – 2001. (2003) *Características Educacional da População – Instituto Nacional de Estatística*. S. Tomé e Príncipe.
- Stroud, Christopher & Gonçalves, Perpétua (1997) *Panorama do Português Oral de Maputo*. Vol. II. Maputo: INDE.